



PRODUÇÃO ORAL E ESCRITA INTERDISCIPLINAR NA EJA: ESPAÇO DE AMPLIAÇÃO DA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

LINCK, Ieda Márcia Donati¹; BASTOLA, Fernanda²; FELIX, Rosane³; STEIGLEDER,
Vanessa Neubauer⁴;

Resumo

O presente artigo discute sobre a importância de se motivar, por métodos diversificados, a expressão oral e escrita nos alunos em qualquer modalidade de ensino, em especial na Educação de Jovens e Adultos, considerando, sempre, o meio em que os mesmos estão inseridos. Essa prática deve ser desenvolvida no cotidiano escolar, envolvendo direção, supervisão, os professores de todas as áreas de ensino a fim de se atingir os objetivos propostos. Os objetivos é que precisam ser estabelecidos com seriedade e ética. Não dá para fazer de conta que ensinamos, ainda mais com jovens e adultos. O professor precisa ter formação específica para atuar na EJA, pois muitos fatores contribuem para o sucesso ou o fracasso de uma aula de leitura e produção, como: estrutura escolar (recursos), diversidade da faixa etária dos alunos, falta de leitura e informação dos alunos, e até mesmo falta de planejamento e produção de material didático adequados pelo professor, direcionados à produção. Tem-se como base teórica vários autores, convém ressaltar Barreto, Brandão, Brunel, Costa Val, Freire, Gadotti, Libânio, Sarmiento, dentre outros.

Palavras-chave: Motivação. Leitura. Produção. Construção Conhecimento.

Introdução

O trabalho com a produção textual deveria ser inerente ao ser humano, porém isso não se confirma e ainda é necessário que esta prática seja conduzida e até direcionada, inclusive nos adultos. Para tanto, as escolas que possuem a modalidade EJA devem se preparar para esse trabalho, seguindo um processo contínuo, pois, em geral, os alunos que não gostam de ler e escrever, tiveram poucas experiências prazerosas de fala, de leitura e de escrita.

¹ Doutora em Linguística pela UFSM, RS e Aveiro/Portugal. Mestre em Linguística pela UPF. Mestre em Educação pela Uninorte/ PY. Pesquisadora do GEL e NEPPS/Unicruz.. Coordenadora Proenem/Unicruz. Email: imdlinck@unicruz.edu.br

² Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social/Unicruz. Especialista em Linguística no Ensino de Línguas e Literatura-Unicruz. Professora da Unicruz e rede pública estadual/RS.febastolla@yahoo.com.br

³ Doutoranda em Educação nas Ciências/Unijuí. Mestre em Extensão Rural/UFSM. Professora do Centro de Ciências Humanas e Sociais/Unicruz. Membro do NEEPS e GPEHP/Unicruz. Membro do Conselho de Assuntos Internacionais - CONAI/Unicruz. Assessora do PUFV/Sicredi Planalto RS/SC. E-mail: rfelix@unicruz.edu.br

⁴ Docente da Universidade de Cruz Alta – Unicruz; Mestre em Educação nas Ciências- UNIJUI ; Doutora em Filosofia – UNISINOS; Bacharel Em Dança- Unicruz. Pesquisadora GPJUR; borbova@gmail.com



Apesar de existirem constatações importantes sobre o aluno que participa da Educação de Jovens e Adultos, não podemos deixar de mencionar que pouco realmente se conhece sobre este aluno. Há pesquisas quantitativas circulando a respeito, no entanto, poucas pesquisas se desenvolvem com o objetivo de compreendê-lo em sua essência e especificidade, no contexto escolar.

Os estudos existentes ficam direcionados às questões externas da EJA, como evasão, repetência, entre outros, deixando em aberto questões que versam sobre como o adulto aprende e a relação da aprendizagem com a sua subjetividade, seus sonhos, sua visão de mundo, utopias, etc. Por isso, justifica-se a relevância desta discussão, para se pensar metodologias específicas que venham ao encontro das necessidades dos referidos educandos.

Além de outros aspectos, este texto reforça a necessidade de se propor novas estratégias e instrumentos que incentivem o desenvolvimento de habilidades e competências básicas para que o aluno se perceba como sujeito crítico de sua história e do ambiente onde atua e, assim, aproprie-se efetivamente de novos saberes. De nossa parte, pensar situações que ampliem a sua competência comunicativa, já é um bom começo.

Questões metodológicas para a eficácia da leitura e produção textual na EJA

Ter acesso a uma educação de qualidade é assegurado constitucionalmente, um direito de todo o cidadão, independente de sua faixa etária ou condição social. É seu direito, também, que lhe sejam proporcionadas as condições de permanência com sucesso no ambiente escolar, pois a educação é possível e necessária a todos e deve zelar pela conservação do caráter social que lhe é conferido. Para tanto, temos como tese que o professor deve desenvolver a competência comunicativa em seus alunos, vocábulo tão discutido atualmente, aqui também abordado.

Dentre os autores que sustentam este trabalho, convém citar Freire (1997 p. 118):

O professor deve ensinar. É preciso fazê-lo. Só que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido, ou concomitante ao ato de aprender o conteúdo ou o objeto cognoscível, com que o educando se torna produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado.

É sobre educação popular que abordamos e, segundo José Carlos Barreto e Vera Barreto (1995, p. 32), “A aprendizagem, na visão popular, está centrada na ação do professor. É ele que coloca o conhecimento dentro dos alunos (...) acham que o professor ensina, só quando fala de coisas sobre as quais eles não tenham a menor idéia”. Assim sendo, devem ser pensadas



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



estratégias pedagógicas que desmistifiquem os estereótipos de que a educação está restrita à sala de aula onde o professor é o único detentor do conhecimento.

O professor que se propõe a trabalhar na EJA deve ter clareza do seu compromisso com esses alunos que, outrora, já foram excluídos do contexto escolar. O professor não pode, de maneira alguma, contribuir para repetir a mesma história, seja por posturas tradicionais e ultrapassadas, ou por falta de planejamento. Cabe salientar ainda, que as teorias de uma atuação transformadora da realidade ultrapassam os discursos e se concretizam nas relações pedagógicas entre professores e alunos, como formadores que procuram intervir nas experiências educativas pela interação.

Nesse sentido, é preciso mobilizar os alunos da Educação de Jovens e Adultos para voltarem a estudar, mais ainda, mostra-lhes o quão prazeroso e necessário é ter o domínio da leitura e da produção textual. Como fazer isso? Temos de levar em conta que o adulto está num outro estágio da vida, ele está tratando da sobrevivência, está imerso no mundo do trabalho. Já construiu valores, princípios e saberes muito significativos. Não dá para esquecer que este educando até então resolveu o problema de sua sobrevivência. Então, temos de considerar isso como um importante saber e colocar a escrita em ação, a serviço da vida que ele leva e dos saberes que ele já possui. Além disso, mostrar como a leitura e a escrita podem ajudá-lo a desenvolver a competência comunicativa nos diversos contextos a que ele pertence.

Na prática, a percepção da importância desse domínio é mais difícil para a pessoa adulta, porque os Jovens e Adultos são, em sua maioria, oriundos da escola que fracassou, que, inclusive incorporou neles a falsa noção de que não são capazes de aprender. Quantos destes educandos, em outro tempo, foram convencidos, e também suas famílias, de que eles “não davam para o estudo”, “que a escola não é pra todos”, e que, por isso, não viriam a aprender e que também por isso abandonaram os bancos escolares.

Ciente disso, o educador deve encontrar formas de convencer o educando de que ele é muito capaz, que tem relevância social, e que é importante que ele se mobilize para aprender. É exatamente como a criança pequena de classe popular que não tem o mundo escrito à sua volta, que não tem nada escrito em casa, o pai não lê, a mãe é analfabeta; e, por isso, esta criança também tem dificuldade, não se mobiliza para ler porque aquilo não tem nenhum sentido prático em sua vida. E, com o Jovem e Adulto é a mesma situação. Assim, ao propor a produção textual, é importante abordar sobre o percurso vivido pelo aluno até ali; é preciso produzir a partir do que ele pensa, gosta, quer, diz, faz, conta, acredita e do que ele necessita “ler da vida para a sua vida”.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



Em se tratando de “ler a/para a vida”, é preciso pensar de forma mais ampla. Assim, a produção de materiais didáticos destinados à EJA, poderia, numa perspectiva interdisciplinar, tratar a leitura como construção de sentidos a ser trabalhada não apenas nas aulas de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas do currículo. Além, é claro, de respeitar as especificidades da EJA, o que inclui sua proposta político-pedagógica de emancipação dos sujeitos populares e de transformação social.

Convém ressaltar que a (re) construção de um planejamento mais crítico, capaz de satisfazer as necessidades culturais das classes trabalhadoras exige de seus educadores não só o compromisso ético e político com a dignidade humana, mas também uma postura investigativa permanente, na busca de respostas que garantam um processo educativo substantivamente popular (FREIRE, 1997). Tal postura, acredita-se, possibilitará aos sujeitos envolvidos a compreensão de que a resolução dos problemas enfrentados na EJA não estão nas mãos de alguns sujeitos, em especial. Estão, sim, no conjunto das relações sociais e nas ações criativas e transformadoras por parte da totalidade de seus atores. Isso inclui, sem dúvida, o professor de EJA que, tendo incorporado e assumido sua própria mudança, avalia/reinventa sua práxis educativa cotidianamente, sem permitir que visões ingênuas e imobilizadoras do tipo “faça pelo que ganha”, “ qualquer coisa serve”, sejam transformadas, por pessoas inescrupulosas, em pretextos como “ganha pelo que faz”. Isso é uma postura, no mínimo, perversa.

O professor da EJA dever ser motivado, ser apoiado, até porque, como não existe abundância de materiais específicos para essa modalidade de ensino, ele precisa pesquisar muito e ser ainda mais criativo. Essa é mais uma dificuldade porque, muitas vezes, quando se depara com uma classe de EJA, o docente já está em sua segunda ou terceira jornada de trabalho diário. Para ter eficácia, é preciso muito comprometimento. Um caminho para driblar a questão será: criar estratégias de formação permanente, montar um grupo de estudos com colegas interessados no tema, procurar textos, convidar pessoas mais experientes para uma reflexão, promover oficinas, organizar materiais de forma coletiva e conhecer muito bem o aluno. Isso tudo vai ajudar o docente a encontrar uma linha de trabalho com resultados positivos.

Conforme sabido, as classes de EJA são heterogêneas, misturam jovens urbanos envolvidos em movimentos da cultura de massa, pessoas que precisam do diploma para uma promoção no emprego, migrantes da zona rural, pessoas que almejam uma participação político-social mais ativa, idosos, jovens desagregados, pessoas cheias de sonhos, fiéis que querem aprender a ler a Bíblia, entre outros. Essa busca diferenciada pode ser percebida de duas



formas: como dificuldade ou como ganho. Nós apostamos na última, pois todos, tanto professores como alunos, ganham com a diversidade.

Estratégias cabíveis à leitura e produção textual interdisciplinar

Quando se considera a relação entre o leitor e o texto um processo contínuo e interativo, no caso o aluno EJA e o texto, inúmeras operações ficam subentendidas. Referindo-se às ações internalizadas que se estimula quando, por meio de questões instigantes, é dada a ele a condição ideal para que produza e não simplesmente reproduza significados (GERALDI, 1994).

No entanto, é preciso compreender o atual contexto histórico da EJA, uma vez que vivemos uma conjuntura cada vez mais desumanizante. Isso implica que, agora mais do que nunca, a EJA, enquanto educação popular que se dá ao longo da vida, terá de construir estratégias de ação quantitativa e qualitativamente mais competentes aos propósitos de concretização de uma sociedade humanamente digna e igualitária.

Lembremos Freire (1995, p. 32): “Nenhuma curiosidade se sustenta eticamente no exercício da negação da outra curiosidade; a tarefa fundamental é experimentar a dialética entre a ‘leitura do mundo’ e a ‘leitura de palavras’”.

Libâneo confirma (1994, p. 26):

Não há prática educativa sem objetivos elaborados a partir de critérios que reflitam os valores e idéias da legislação, os conteúdos produzidos pela prática social da humanidade e as necessidades e expectativas de formação cultural exigidas pela população majoritária da sociedade.

O aluno EJA sabe porque voltou a estudar. Ele tem clareza dos seus objetivos. Então, se o professor se der conta disso, terá menos problemas na formação de leitores escritores, cuja atitude crítica impedirá uma visão ingênua diante da leitura de textos e, conseqüentemente, diante da leitura de mundo, como diria Freire. Visto que, esse aluno já possui uma vasta bagagem de experiências vividas, ela deve ser aproveitada na construção e organização de novos saberes.

De acordo com Ilari (1992, p.73), “Não se aprende o que não é vivido, e não se organiza o que não se aprendeu {...}”. O ensino de produção de textos deve, então, promover uma prática constante de leitura, organizada em torno de uma diversidade de obras. Textos de qualidade podem se tornar boas referências de escrita para os alunos, além de constituírem motivação para o ato de escrever. Assim, a formação de um aluno escritor depende de suas práticas continuadas: a prática de leitura e de produção de textos orais e escritos. No entanto, deve-se levar em conta



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



que falar é uma coisa; escrever é outra. E, é aqui que se acentua o trabalho do educando, pois tornar o aluno um escritor, um produtor (e não um mero reproduzidor) é a tarefa mais complicada desse processo. A fala se distancia da escrita; há todo um sistema de representação a dominar, tornando-se esse o maior problema enfrentado pelos alunos.

Aproveitando nossas histórias de leitura, não podemos deixar de dizer que, com Geraldi (1994, p. 84), “Numa sociedade onde a leitura não é uma prática social, ler na sala de aula para construir possibilidade, construir significações, torna-se perigosa subversão. Lutar por ela é lutar, onde se está, contra o status quo”.

Se desejarmos garantir aos Jovens e Adultos a apreensão de saberes necessários ao seu desenvolvimento por inteiro, a leitura deverá ter sua concepção revista, valorizada e mais bem trabalhada nos espaços educativos da EJA. Isso envolve, sem dúvida, a criação de valores éticos para que homens e mulheres, sejam Jovens ou Adultos, possam (con)viver com dignidade e de fato possam ser felizes.

Novamente Freire (2000 p.25):

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

Nessa linha, saber expressar ideias e sentimentos é tão importante, até para representar pontos de vista, mas antes de se saber fazer isso, é preciso conhecer os recursos que a língua oferece e que estão à disposição, prontos para serem usados de maneira criativa. Vale ressaltar que é necessário um cuidado especial quanto à questão da leitura relacionada à escrita, principalmente na EJA, pois a primeira leitura é um dos elementos que constituem o processo de produção.

Nessa perspectiva temos Travaglia (1997, p. 22):

(...)a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam seguindo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Esse código deve, portanto, ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada. Como o uso do código que é a língua um ato social, envolvendo conseqüentemente duas pessoas, é necessário que o código seja utilizado de maneira semelhante, preestabelecida, convencionada para que a comunicação se efetive.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



A educação de Jovens Adultos, em qualquer uma das áreas que compõem a base curricular, deve ser sempre uma educação multicultural, uma educação que desenvolva o conhecimento e a integração na diversidade cultural, como afirma Gadoti (2003, p. 48):

Uma educação para a compreensão mútua, contra a exclusão por motivos de raça, sexo, cultura ou outras formas de discriminação e, para isso, o educador deve conhecer bem o próprio meio do educando, pois somente conhecendo a realidade desses Jovens Adultos é que haverá uma educação de qualidade.

Considerada a realidade dos educandos com suas especificidades, o educador conseguirá promover a motivação necessária à aprendizagem, despertando neles interesses e entusiasmos, abrindo-lhes um maior campo para atingir o conhecimento almejado. Tanto o Jovem como o Adulto querem ver a aplicação imediata do que estão aprendendo e, ao mesmo tempo, precisam ser estimulados a resgatar a sua autoestima, pois sua ignorância, no sentido de ignorar/não saber, trará ansiedade, angústia e “complexo de inferioridade”. Talvez, eles ignorem que são tão capazes como uma criança, exigindo somente mais técnica e metodologia eficiente para esse tipo de modalidade.

Desde os anos 70, ou até mesmo antes, o uso de metodologias inadequadas na Educação de Jovens Adultos (EJA) preocupava os educadores da época e, duas décadas depois, essa problemática permanecia, como afirmou Fuck (p.14 e 15, 1994):

Que a educação seja o processo através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos, a fim de mudar o rumo da mesma. Como? Acreditando no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as conseqüências de sua escolha. Mas isso não será possível se continuarmos bitolando os alfabetizando com desenhos pré-formulados para colorir, com textos criados por outros para copiarem, com caminhos pontilhados para seguir, com histórias que alienem, com métodos que levam em conta a lógica de quem aprende.

E, infelizmente, a preocupação de se pensar metodologias diferenciadas para o aluno EJA, continua em tempos atuais, visto que estamos escrevendo a respeito.

Alguns resultados e muitas discussões possíveis na/sobre a EJA

Após muitos anos de atuação em EJA e a utilização de diferentes metodologias, percebeu-se o quão importante é incentivar os alunos a observarem os recursos escolhidos ao construir seus textos, como: provocar emoções, discutir e discordar ideias, proporcionando a possibilidade de integrar as práticas de escrita e reflexão sobre a língua como a própria produção.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



Para tanto, é necessário a atenção especial com o desenvolvimento de posturas críticas, dando-se ênfase à revisão dos textos produzidos em aula, pois, independente da idade, nada substitui as mediações do professor na tarefa de tornar o aluno um bom escritor. Segundo Sarmiento (2002, p. 35), “Não se pode dizer que um bom leitor é alguém que escreve bem. Por outro lado, quem escreve bem não é necessariamente um bom leitor”. Isso quer dizer que a leitura é muito importante para a escrita, mas não é o único aspecto a se considerar, pois o ato de escrever e a forma como esse processo se dá é algo muito pessoal e único. E, a única forma de aprender a escrever é escrevendo. Conforme Sant’Ana (2005, p. 5):

A chave é a libido na escrita, simplesmente, pois nasceram para escrever, escrevem até sem assunto. Já outras se agoniam para achar um assunto, com horas de aflição para arranjar uma idéia e depois de ocorrida se deliciam ao escrever, ou seja, não lhes falta potência, a libido que é rara.

Seja como for, a forma de despertar o gosto pela leitura e a escrita deve ser repensada, o professor da área de Língua Portuguesa pode recorrer às mais variadas produções, e deve buscar envolver os colegas docentes das outras áreas. Além de textos literários em prosa e poesia, muitos outros textos podem se tornar objeto de estudo na sala de aula com Jovens e Adultos, preferencialmente aqueles que já fazem parte da sua realidade (por exemplo: receitas culinárias, bulas de remédios, formulários de inscrições, notícias e artigos de jornais sobre temas da atualidade). Quanto mais próximo estiver o texto escrito do cotidiano do aluno, mais o conteúdo se torna significativo e, portanto, maiores as possibilidades de ele auxiliar o processo de aprendizagem. Antigamente se pensava que era preciso memorizar para aprender. Hoje se sabe que aprender leva a memorizar. O interesse pelo que se estuda será sempre o primeiro passo numa aprendizagem significativa, duradoura e prazerosa.

Parafrazeando Val (1990), ao produzirmos um texto, estamos exercitando dois planos importantes no processo de produção textual: o plano conceitual e o plano linguístico. Tais planos garantem ao texto uma melhor compreensão do que foi dito, como também se responsabilizam pela tessitura textual. Assim, podemos dizer que o plano linguístico e o conceitual estabelecem a coesão e a coerência textuais.

Considera-se importante ressaltar que, ao escrever, o aluno não pode partir de um vazio. Ele precisa habituar a fazer suas escolhas com base em um objetivo evidente (informar, conversar, emocionar, divertir, etc.), com a necessidade de planejar o texto a ser escrito. Assim, pela aplicação de diferentes linguagens, o aluno é instigado a produzir mais e melhor. Além disso, é possível afirmar, também, que utilizando assuntos relacionados aos seus interesses, os



alunos terão um melhor desempenho na produção textual, como: atualidade; músicas; relatos; texto coletivo.

Vale lembrar que o ato da escrita não é solitário e que para ser significativo é preciso ter o que dizer e a quem dizer, ou seja, escrever é uma ação interativa. Por essa razão, as propostas de redação devem ser sempre decorrentes de discussões, conversas ou reflexões. Isso porque, a produção de texto pressupõe sempre um leitor, sem o qual, a escrita perde o sentido. Se o professor não dispuser de condições para ler todos os textos, pode lançar mão de estratégias como, por exemplo, a roda crítica, na qual os colegas, em grupos, leem os textos e opinam sobre eles, dando, inclusive, sugestões para mudanças.

Existem inúmeras formas e todas são válidas para que os alunos despertem o interesse pela escrita. Várias são as estratégias possíveis. Caberá ao educador avaliar as necessidades de sua classe e de que forma os alunos, já motivados, possam realmente ampliar a sua competência comunicativa.

Considerações (não tão) finais

Da mesma maneira que se considera importante as condições de leitura dos textos, deve-se também considerar as condições ideais para a produção destes, dentro do processo ensino e aprendizagem. A performance do aluno dependerá dessas condições. Dentre elas, encontra-se a motivação. O ato de escrever, como uma investigação do mundo ou de si mesmo, deve resgatar o prazer, inerente ao ser humano, de tal forma que, no momento da criação dos textos, o prazer acabe por tornar-se o próprio escrever. Afinal, trata-se de dialogar, reinventar, jogar com palavras, soltar a imaginação, criar sequências lógicas e coerentes.

Nesse sentido, acredita-se que os recursos, em especial os lúdicos, e as diferentes linguagens são essenciais para estimular o adulto nesse processo de conquistas, porque une o “prazer” ao “dever”. São inúmeras as vantagens quando se utilizam dinâmicas na sala de aula, sendo: o aluno lida com os limites do real/imaginário, busca sair de situações embaraçosas, utilizando o raciocínio lógico, solidariza-se com os colegas para atingir os objetivos, diverte-se, e fica descontraído.

Essas diferentes metodologias aplicadas trazem outras vantagens como o estímulo das diferentes inteligências (visual, musical, intra e interpessoal), resultando na melhoria do desempenho linguístico do aluno na produção textual. No entanto, em especial na EJA, é preciso investir também na relação afetiva que se instaura entre professor/aluno no ambiente escolar, quando ambos, desarmados, colocam-se em pé de igualdade. De fato, fluiu da melhor



maneira, pois o aluno sente-se próximo, seguro, aberto, ou no mínimo percebido como sujeito. Um sujeito com direito a vez e voz, mesmo em uma sociedade excludente como a nossa.

Por fim, uma coisa é certa: em se tratando de EJA, não há como melhorar os índices educacionais se não pensarmos a melhora da competência comunicativa a partir de um trabalho interdisciplinar, muito além das aulas de Língua Portuguesa.

Referências bibliográficas

BARRETO, José Carlos e Vera. **Um sonho que não serve ao sonhador**. Revista de Alfabetização e Cidadania. Rio de Janeiro: Grafhus, 1995.

BRANDÃO, Helena N. coord. **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo, Cortez, 2000. (Col. **Aprender e Ensinar com Textos**).

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redações e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GADOTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar – e – aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996/1997.

_____. **Pedagogia da Indignação, cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, UNESP, 2000.

FUCK, Irene Terezinha. **Alfabetização de Adultos**. Relato de uma experiência construtivista. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GERALDI, João Wanderlei, org. **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática, 1994.

ILARI, Rodolfo. **A lingüística e o ensino da língua portuguesa**. 4^a. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 13 Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

SANT'ANA, Paulo, **Crônicas. ZERO HORA**. Dezembro, 2005.

SARMENTO, Leila Navar, Português – “**Leitura – Produção – Gramática**”. São Paulo, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997.